

Betty Milan

E O QUE É O AMOR?
(ensaio)



SUMÁRIO

Introdução 11

A PAIXÃO DO AMOR 17

OS DIZERES 53

O AMOR HOJE 69

A PAIXÃO DO BRINCAR 77

Posfácio, *por Gérard Lebrun* 103

INTRODUÇÃO

*O amor? ele talvez surja de uma falha
súbita na lógica do universo.*

MARGUERITE DURAS

Não sei de quando data exatamente o começo deste livro — foram inúmeras as tentativas de escrever sobre o amor, cada vez que ele me fazia pensar. O fato é que primeiro fiz uma série de notas afirmando que só poderia dizer o amor numa outra língua — no português do Brasil parecia ridículo — e acabei arquivando o texto. Um dia toca o telefone, é o editor sugerindo que eu escreva sobre a paixão, o desejo ou o amor. Eu? por que eu? e já embarquei. Alinhavo rapidamente algumas frases e apresento o projeto, menos para executá-lo do que para ganhar tempo. Tratava-se ali de resenhar outros autores. O editor aceita, eu

não tenho como. Um livro no qual o amor fosse objetivado seria contrário ao amor, que não se deixa acorrentar. Seria mesmo uma forma de impostura — não levaria a supor que domino o que me escapa? Dou graças por não ter assinado o contrato e fabrico cinco laudas sobre a impossibilidade de escrever o livro, que a partir daí, sub-repticiamente, começa a se fazer. Quero e não quero, prometo e resisto, na verdade estou tomada. Consigo entretanto fazer de conta que estou noutra, engavetando tudo de novo.

Poucos meses depois, é a grande surpresa de ter concebido um filho. Com o ventre, o amor se impõe, se torna um tema privilegiado. O editor telefona e me cobra. Sem saber, pede-me que realize um desejo meu, e eu vou levar os primeiros fragmentos. A forma do texto, diversa do resto da coleção, o surpreende, e eu me ponho a convencê-lo da necessidade do fragmento — solução de Ovídio (*A arte de amar*), Stendhal (*Do amor*), Barthes (*Fragmentos do discurso amoroso*) (1). “Bem, está certo”, me diz ele, para eu de novo hesitar. Até na França, como observa Stendhal, o amor teme o ridículo, e o livro poderia ser objeto de escárnio. A dúvida, mas o filho que insistia, o ventre e o amor que se impunham. Assim, escrevi A PAIXÃO DO AMOR — primeira parte — à espera de quem chegaria e era sobretudo um enigma, bem-vindo e no entanto temido. Ia de uma a outra

leitura, desordenadamente, um livro, um bilhete, uma carta para encontrar a sequência, que não obedecia a nenhum plano preestabelecido.

Na época, um amigo me deu *As canções de Bilitis*, de Pierre Louys (2), uma edição que ele guardava zelosamente e lhe era muito cara. Entendi então o dom do amor. E mais ainda a partir da chegada do menino, que me fez escrever OS DIZERES — segunda parte —, uma análise dos vários ditos do amor (*eu te amo, sem você eu não existo, nunca te esquecerei, você é único, sou louco por você, você não existe...*). Ali, o texto me parecia ditado, eu o estranhava; o amor soava fora de moda, um arcaísmo, o que me levou à terceira parte, O AMOR HOJE. Por fim, presa àquela ideia de ser incapaz de dizer o amor no português do Brasil, passei a me perguntar o que é deste sentimento entre nós, descobrindo que a paixão do amor é estrangeira e a nossa é outra, A PAIXÃO DO BRINCAR — quarta parte.

De um a outro ponto naveguei sem conhecer o rumo, atirando no que via para frequentemente acertar no que não via e daí me reorientar. Assim, larguei da Europa, dos amores de lá, e desembarquei aqui.

O livro é sério? Escrevi-o brincando, na recusa de um método rígido que me impediria de sonhar. Quanto ao leitor, me interessava que ele se reconhecesse no texto,

abrindo-o pelas suas associações e reavaliando-o através das lembranças, de sorte a reconsiderar a própria história.

A PAIXÃO DO AMOR

Anjo (...) de que matéria é feita a tua matéria alada?

FERNANDO PESSOA

O amor? como falar dele? sem eliminá-lo, dizer o que é? Se só existe quando me escapa, como retê-lo numa ou noutra definição?

O projeto é contraditório, mas ele me solicita. O amor não pede licença para entrar, surge já instalado; o desejo que me determina goza da mesma autonomia. Resta ceder e esperar que a própria escrita me tire do impasse. Nisso sou como o amante que tudo espera do amado e sobretudo teima em navegar.

Inicio como posso, timidamente — assim aliás é no amor, que indicará o caminho se ele de fato me quiser. O receio não é propriamente um empecilho.

Vivo do encontro, se não, da sua busca. Disso a mitologia grega também trata. A beleza de Narciso ⁽³⁾ era ra-

diosa, tamanha que, segundo a profecia de Tirésias, só não se vendo ele viveria. Belo e adorado, mas indiferente à ninfa Eco, que, desprezada, morre de tristeza — será pela morte vingada. Narciso deve ser punido, e a divina Nêmesis o induz a saciar a sede nas águas cristalinas de uma fonte. Aí, fascinado pelo rosto que vê, fica esquecido de comer e beber, cria raízes e se transforma numa flor. Insensível ao outro, se consome na adoração da própria imagem.

Não fosse o amor, a vida não vingaria, porém nós o ignoramos a ponto de menosprezá-lo. Não é então ridícula a confissão pública de uma paixão? Acaso se autoriza os homens, quando entre si, a falar de algum amor que não o físico? apresentar-se como um ser a quem o outro falta? Nunca! Quanto às mulheres, verdade que lhes é dado falar de amor. Não será assim precisamente por estarem elas de certa forma marginalizadas?

Depreciado, ridicularizado, o amor é o grande banido. Valorizado, só o sexo, a que a modernidade nos entrega para neutralizar a paixão. Só sexo, forma de interditar o amor, fazer de nós puritanos ao contrário.

Sendo uma paixão, o amor é indissociável de um certo não-saber. Apresenta-se como um enigma e nunca se deixa decifrar inteiramente. Impossível saber por que quero

tanto e a tal ponto disso dependo, por que ele me ama ou é ele que amo. Ainda que consiga individualizar algo de cativante no seu rosto, no corpo, na postura, no seu modo de sorrir ou de falar, nenhum desses elementos é suficiente para me explicar a razão do amor, que se furta invariavelmente. Não quer isso dizer que na realidade não escolho, sou tomado? Ou, em outras palavras, que a escolha é inconsciente?

Indômito, o amor se impõe à minha revelia, coloca-me de imediato na posição de objeto — embora, assumindo-o, eu possa tornar-me sujeito. Subjuga-me, daí a revolta de um dos personagens de Corneille, Alidor (4), que ama e é amado, mas recusa a amarra, declara odiar o amor e quer submeter a paixão à razão.

*Inês, eu te amo
eu te odeio*

O que se lê acima é a transcrição de um grafite. Vi-o quando subia uma rua da cidade e não mais me esqueci dele. Em vez de Inês, poderia ser eu ou qualquer um de nós. *Odeio* no lugar de *amo* é o que há de mais corriqueiro,

como se o ódio fosse a cara-metade do amor. Sujeita a esta, ameaça-me aquele — quem hoje tanto me quer pode amanhã me rejeitar.

O que explica essa virada? o gesto extremado do amante de Inês? A resposta talvez se encontre numa frase que agora me ocorre, é da máxima gravidade, mas é comumente dita: *sem você eu não existo*. Ora, se o outro é a condição do meu ser, se para existir dependo sobretudo do seu amor, é óbvio que se este me for recusado posso odiar o outro. Tendo glorificado Inês, quero arrasá-la — uma lógica aterradora, em que a vida se decide e até o crime se torna possível.

O amor é sublime e cruel, estranho que se tenha querido fazer dele um cordeirinho do bom pastor⁽⁵⁾.

Morrer para juntar-se a Deus, o que queria Santa Teresa de Jesus ⁽⁶⁾.

De tanto amá-lo, dizia morrer de não morrer — a vida que a separava dele equivalia à morte. Embora datado do século XVI, o drama da santa exprime o de todo amante. Estar apartado não é então o que de pior pode haver?

Dois, não fosse este número, o amor não seria. Só surge porque há dois indivíduos, mas quer deles fazer um, anular assim a condição da sua origem. Disso resulta a infelicidade que traz consigo — amor, “martírio simultaneamente delicioso e cruel” (Santa Teresa de Jesus). Impossível de dois fazer um, seja porque a identificação entre os sujeitos esbarra na diferença dos sexos, seja porque a união dos corpos é fugaz. Não obstante, insistimos neste desejo impossível e o amor vive da crença de poder realizá-lo. Dizer isso é afirmar que, para existir, estamos fadados à insatisfação, e não à felicidade, ao contrário do que tanto supomos.

O amor é uma promessa que não se cumpre e só por o ignorarmos acreditamos nas suas juras, entregando-nos a elas, como se do sentimento ou da vida se pudesse dar ou ter garantias. Indissociável do ódio, o amor o é ainda de outra paixão — a paixão tão humana da ignorância.

De dois fazer um, desejo do amor que precisa suprimir a diferença, igualar os amantes. Se o outro não se assemelhasse a mim, se eu nele não reconhecesse a minha imagem, não o amaria. Ou, o amor é narcísico na

sua essência. “Os amantes se amam cruelmente, e com se amarem tanto não se veem”, escreve Carlos Drummond de Andrade (7). Sim, mas a isso é preciso acrescentar que no amado eu vejo o único capaz de me refletir e, assim, confiro a ele uma unicidade que é um bem. Quem, tendo sido a condição absoluta da existência de alguém, renuncia sem dor a tal privilégio?

O amor me oferece o único outro que não é inteiramente outro, e, por isso mesmo, é precioso. Enfim, digo eu, para celebrar o encontro do amado, daquele outro cuja particularidade é tamanha, que ele chega a justificar uma vida inteira de espera, a castidade de Penélope durante toda a errância de Ulisses (8). Vinte anos.

Amor e paz. Quem não quer que assim seja? Mas, sendo narcísico, o amor não suporta a diferença — todo desejo do amado que contrarie o amante precisa ceder. Se você me ama, não pode haver nada em você que me desdiga. Ou somos uma coincidência absoluta ou já não existimos.

Quem ama está sujeito à briga. Nem por isso o amor é sinônimo de guerra, ao contrário do que quis uma certa

literatura que só se refere a ele em termos de tática e estratégia. A briga dos amantes é de amor, visa ao acordo e só se resolve através deste. Ocorre para ser superada, daí a rapidez na reconciliação e o pronto desvanecimento de diferenças aparentemente profundas. Assim eu não me surpreenderia se o autor do grafite “Inês, eu te amo eu te odeio” estivesse nos braços de Inês pouco depois de ter escrito e declarado que a odiava.

Se, pelo fato de ser narcísico, o amor provoca a desavença, pelo mesmo motivo procura evitar a ruptura e leva à submissão. No ser do amado realiza-se o do amante, que, sem aquele, ficaria despojado de si mesmo e não quer pois se separar.

Eros ⁽⁹⁾, o amante velado, o que não deve ser visto. Só à noite, protegido pela escuridão, ele encontra a amada, Psique. O amor não prescinde do véu, sua mãe é o pudor, dizia Stendhal. A que se deve isso senão à busca de identidade entre os amantes e ao desejo de encobrir a diferença dos sexos? desejo que torna a nudez ameaçadora e leva ao culto fetichista da roupa. O corpo, a percepção do que nele

faz do amado não um semelhante mas um outro precisa ser evitada. Uma peça da vestimenta, um lencinho, mais me dá a sonhar. Nada aí contradiz a fantasia de que se é um, ilusão tão cultivada pelo amor.

Sexo, uma prova requerida e temida. Não pode ela, obrigando a expor o corpo, desmentir irremediavelmente o amor? Daí ser adiada, a inibição que a precede, a vergonha dos genitais, partes pudendas — que o pudor deve recatar — ou, na forma arcaica, vergonhas simplesmente.

— *Se você diz que me ama, prove.*

— *Impossível, as provas são para os atletas, não para os amantes, que se amam e nada mais.*

CARLITO MAIA

Ela exige, e ele, não podendo satisfazê-la, se recusa. O amor é avesso a provas, embora insista nelas. Por isso Psyque contraria Eros. Não é uma prova o que ele requeria, exigindo-lhe que nunca tentasse ver o seu rosto, suportasse este enigma? Persuadida pelas irmãs, ela ilumina o amante —

para o magoar e perder. Eros não é a serpente medonha que o destino, segundo o oráculo de Apolo, lhe reservava como esposo, mas em contrapartida já não é seu.

Ser amado sem ser visto, incondicionalmente, era o que pretendia Eros. Se Psique o frustra, é que também ela não aceita condições. Um é a imagem especular do outro. O mito expressa um dos paradoxos do amor que se quer incondicional e nega isso, impondo condições. Por essa outra razão, o amor é impossível, a felicidade dos amantes, como a de Psique, é fugaz.

Se o proibido é o objeto privilegiado do desejo, o objeto perdido é o que o amor mais busca. Abandonada por Eros, Psique sai correr mundo à sua procura, submetendo-se então, por capricho de Afrodite, às mais duras provas, às maiores penas. Atravessa o rio da morte e vai mesmo até o reino de Perséfone — rainha dos infernos —, onde, num cortejo fúnebre, vagavam ininterruptamente as sombras dos mortos.

Perdido, Eros passa a ser a condição absoluta do desejo de Psique — o amor não vive sem a falta, sem o mal

infligido pela ausência. O que seria dele sem a solidão?, pergunta Stendhal, enquanto Ovídio afirma que a espera só o aguça, recomenda resistir ao pretendente sem o afastar, de modo a fazê-lo simultaneamente temer e esperar.

O amor é uma promessa e assim faz doer e faz sonhar, entrega-me à tristeza para produzir imprevisivelmente o encontro — que o amor só se encontra onde não é procurado, aparece e se dá. Não é a busca de Psique que a reaproxima de Eros, e sim a iniciativa deste — como a surpresa, o amor é incontrolável.

Psique desconfia de Eros, que vê nisso motivo suficiente para abandoná-la. O amor não suporta a dúvida — a crença lhe é fundamental. Não fosse isso, o conhecido caso de uma senhorita francesa não faria sentido. Flagrada pelo amante nos braços de outro, nega convictamente o fato e, como aquele conteste, diz: “Vejo que você já não me ama, pois acredita mais no que vê do que em mim”.

O amante não deve ser como São Tomé, precisar ver para crer. Acredita porque ama e Eros para ele é o Deus supremo. Nada mais a propósito do que uma das histórias do

livro *O divã do amor* — antologia árabe compilada por Ebn-Abi-Hadglat. Ele é muçulmano, ela é cristã, e o amor entre os dois é tamanho que faz quase perder a razão. Obrigado pelos negócios a viajar, ele se separa dela. No exterior, tendo sido acometido por uma doença fatal, chama um amigo e anuncia-lhe o fim, dizendo que neste mundo já não verá a amada, e, por querer se encontrar com ela na outra vida, torna-se cristão. Depois da morte dele, o amigo vai à casa da jovem, que está de cama. Surpreendido, ouve-a dizer que já não verá o amado neste mundo e assim se converteu, testemunhou que Alá é o único Deus e Maomé, o seu profeta. Na verdade, um estava para o outro acima de Deus. Daí o desencontro, a sina de ambos.

Quem disse que eu não te amava?

Amo-te mais que a verdade.

MANUEL BANDEIRA

Tão idealizado é o amado que, para o amante, não tem nenhum defeito, o que quer que diga, mesmo se tratando de um absurdo, está bem. Tem razão, embora minta ou seja injusto.

Sensível à beleza, o amor ignora a feiura. Que importância teria ela, se o que o amado diz nenhum outro diz ou se dito por outro não soaria da mesma maneira, não me faria ver as mesmas cores ou ouvir assim esta melodia que só a sua presença ou a presença da sua ausência intensifica e faz existir?

O ser amado é invariavelmente belo. O que noutro poderia ser considerado feio, nele é uma forma de encanto. Amando Eros, Psique não poderia sequer tê-lo imaginado medonho, e é por ter incorrido nessa fantasia que se vê condenada a penar. Sendo uma forma de desvario, a paixão tem as suas normas, torna-se implacável sempre que não se faz respeitar. Vingança é então a palavra de ordem, punir o maior gozo numa luta cruel e até mesmo assassina, a exemplo da que origina o relato *As mil e uma noites* ⁽¹⁰⁾. Não é para impedir a vingança do sultão traído que Xerazade a toda aurora lhe conta uma outra história, adiando o cumprimento do funesto desígnio do sultão de esposar e enforcar a cada dia uma nova mulher?

Acima de Deus está o amado — e acima ainda da própria vida. *O divã do amor* conta que uma jovem cristã

riquíssima, da tribo árabe de Tagleb, amando um jovem muçulmano, a ele oferece toda sua fortuna e não consegue conquistá-lo. Perdida a esperança, dá 100 dinares a um artista para que lhe faça um retrato do amado. Recebendo-o, coloca o quadro num lugar onde vai todos os dias beijá-lo, sentar-se depois ao seu lado e chorar até a noite, quando se despede e se retira. Faz isso durante muito tempo, até que ele morre. Nessa ocasião, vai vê-lo e volta para cumprimentar o retrato, beijá-lo como de hábito, deitar ao seu lado e ser encontrada morta na manhã seguinte.

Ama-se mais do que a própria vida, morre-se de amor, expressões que poderiam se referir à personagem do conto e mesmo hoje são muito usuais — o amor sem a morte não existe. Para recuperar Eros, Psique submete-se às provas impostas por Afrodite e corre risco de vida. Mas o que é o rio da morte senão o símbolo do gozo a ela prometido, de uma doce morte em vida nos braços-abraços do seu amante?

De Eros e Psique, o fruto, a filha, é Volúpia. Ela passa e, com ela, uma doce vertigem, enfim o desfalecimento.

O amor gera o gozo. Assim é, a menos que o amor seja uma idolatria. Quem não o soube incapaz do gozo neste caso? O amado que se diviniza é temível, aproximar-se dele é uma temeridade, e o prazer se torna impossível.